

GUIADAS E SURRÕES PARA ELES E O QUE PARA ELAS? MARACATU RURAL E AS RELAÇÕES DE GÊNERO

Maria José de Paula Filha

Universidade Federal de Pernambuco

UFPE/ PE / BR

PALAVRAS- CHAVES: Relações de gênero, Cultura Popular e Maracatu Rural

RESUMO

Este artigo teve por objetivo analisar a presença das mulheres e as relações de gênero no âmbito do maracatu rural de baque solto Cambinda Brasileira e compreender os significados e valores atribuídos ao feminino e ao masculino e como a categoria de gênero concorre para desigualdades no folguedo. A pesquisa está baseada em abordagens teóricas e pesquisas de campo. A parte teórica envolve estudos sobre as relações de gênero, onde teve como aporte teórico a perspectiva da autora Joan Scott (1990) e as perspectivas das autoras Lady Selma Albernaz e Márcia Longhi (2009) e para tratar sobre o maracatu Cambinda Brasileira recorri a algumas das literaturas que localizei sobre o brinquedo e a autores como; Sumaia Vieira (1999), Roseana Borges de Medeiros (2003) e José Antônio Carneiro Leão (2011). Além dos relatos colhidos com os folgazões do grupo. A pesquisa de campo foi realizada em Nazaré da Mata, nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2015.

INTRODUÇÃO

A desigualdade da participação das mulheres nos espaços das culturas populares não é algo recente, remonta de longos anos. O patriarcado, o machismo, as relações de gênero e outros fatores perpetuados ao longo dos séculos no contexto histórico social possibilitaram com que a presença feminina no campo das artes fosse permeada pela

“Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

invisibilidade e exclusão nos espaços culturais, e conseqüentemente na existência de poucos estudos que abordem a presença das mulheres na cultura.

Baseando-se na citação da antropóloga norte-americana Katarina Real (1990), o maracatu rural é formado por uma mistura de dança e teatro, onde folguedos como : pastoril, bumba-meu-boi, folia de reis, caboclinhos, cavalo marinho (1990. p.73) foram elementos que serviram para sua estruturação.

O Maracatu Rural de Baque Solto foi originalmente criado por trabalhadores rurais da região da Zona da Mata Norte de Pernambuco entre os séculos XIX e XX. Indivíduos que segundo Roseana Borges de Medeiros (2003) viviam em condição de subalternidade, opressão e exploração nos canaviais daquela região, caracterizada historicamente por profundas desigualdades e conflitos sociais nas relações entre as classes dominantes e subalternas, representadas respectivamente pelos trabalhadores rurais versus proprietários de engenhos e usinas.

Situada na Zona da Mata Norte do Estado de Pernambuco e localizada a 50 km do Recife, Nazaré da Mata intitulada “A Capital Estadual do Maracatu”, berço de vários grupos de cultura popular abriga um dos mais antigos grupos de maracatu de baque solto da região, o Maracatu Rural Cambinda Brasileira, fundado em 05 de janeiro de 1918, no Engenho Cumbe, zona rural da cidade.

Com quase um centenário de fundação criando e recriando a história da cultura popular na Zona da Mata, este folguedo genuinamente oriundo da área rural, aos poucos foi firmando seus passos também na zona urbana, porém sem perder a tradição, sendo um dos poucos maracatus com sede própria no engenho em que foi fundado, mantendo suas raízes à zona canavieira, a poeira, a roça e ao terreiro como mencionam seus brincantes.

A inserção das mulheres no brinquedo também foi um dos marcos do maracatu rural Cambinda Brasileira. Entretanto, esta participação segundo os folgazões mais antigos, como por exemplo, Zé do Carro, presidente do folguedo demorou quase 50 anos para ocorrer.

Por ser um espaço totalmente masculinizado, a proibição das mulheres como personagens na brincadeira era vista como algo natural, suas atuações destinavam-se a espaços da organização do grupo, como cozinhando ou costurando, por exemplo. No entanto, nem essas funções eram registradas e nem dadas a relevo, pois o processo desta organização do brinquedo até o momento das apresentações nas ruas não era valorizado,

“Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

se configurando em invisibilidade, quer dizer, elas estavam ausentes como personagens e quando ocupavam essas funções de organização eram invisibilizadas. Mesmo quando puderam ingressar no folguedo e desfilar como algumas personagens também ficaram a margem da invisibilidade no brinquedo.

Desta forma, há muito pouco dito e abordado sobre as relações de gênero no maracatu e conseqüentemente poucos estudos que enfoquem a participação feminina no baque solto.

Partindo desta perspectiva alguns questionamentos foram surgindo acerca da presença da mulher no maracatu rural ,bem como: Quais os espaços conferidos a homens e a mulheres dentro dos baques soltos tradicionais? Como os homens percebem a presença das mulheres nesses espaços? E como elas se percebem? Por que suas funções e participação no brinquedo ainda não são tão reconhecidas apesar de serem importantes para a brincadeira? Que fatores têm contribuído para que as mulheres mesmo inseridas no baque solto continuem no espaço dos bastidores e sem protagonismo? E quais as causas que imperam para que os homens sempre tomem as decisões mais importantes no contexto do maracatu?

Escolhi o grupo Cambinda Brasileira como objeto de estudo, tendo em vista de o folguedo ser um dos maracatus rurais mais antigos da região, e por não ter localizado na literatura nenhum estudo que tenha abordado até o presente momento a participação das mulheres e as relações de gênero neste brinquedo.

OBJETIVO

O presente trabalho se propôs à análise das relações de gênero e as implicações da participação feminina no âmbito do Maracatu Rural da Zona da Mata Norte Pernambucana, tendo como objeto de estudo o Maracatu Rural de Baque Solto Cambinda Brasileira de Nazaré da Mata/PE. Nesse sentido, a pesquisa pretende analisar como se configuram as relações e significados de gênero que estruturam as posições que homens e mulheres ocupam no contexto do maracatu.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as posições e personagens que as mulheres ocupam e assumem no âmbito do maracatu rural de baque solto Cambinda Brasileira;

“Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

- Compreender os significados e valores atribuídos ao feminino e ao masculino e como a categoria de gênero concorre para desigualdades entre homens e mulheres no folguedo.
- Verificar se a inserção das mulheres no maracatu provocou mudanças nas relações e significados de gênero e se concorreu para mudança nas relações entre homens e mulheres brincantes.
- Analisar se a participação das mulheres concorre para o seu protagonismo no baque solto.
- Destacar as conquistas e desafios que se apresentam às mulheres no maracatu de modo a contribuir para a consolidação das políticas que façam a interface entre gênero e cultura.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Para fins desta pesquisa alguns conceitos centrais podem ser observados. Desta forma, a parte teórica envolve estudos sobre: a análise das relações de gênero onde tive como aporte teórico a perspectiva de gênero proposta por Joan Scott (1990), através do seu estudo sobre “Gênero uma categoria útil de análise histórica”. Gênero conforme descrito pela autora é “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo uma forma primeira de significar as relações de poder”. Desta maneira, as relações entre homens e mulheres são baseadas através de construções sociais que definem que papéis devem ser comuns ao feminino e ao masculino no contexto social. Esta abordagem e teoria propostas por Scott foi fundamental para compreender como essas relações de gênero estigmatizam e oprimem a figura da mulher no folguedo, quais atributos são conferidos a homens e a mulheres no baque solto e como as construções e imposições sócio culturais imperam no contexto do maracatu rural.

O estudo realizado pelas pesquisadoras Lady Selma Albernaz e Márcia Longhi em: Para compreender gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres (2009) serviu para operacionalizar na construção do entendimento acerca do assunto.

E por fim para tratar sobre o maracatu Cambinda Brasileira recorri a algumas das poucas literaturas que localizei sobre o brinquedo e a autores como; Sumaia Vieira (1999), Roseana Borges de Medeiros (2003) e José Antônio Carneiro Leão (2011). Além dos relatos colhidos com os folgazões do grupo.

“Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

METODOLOGIA

Para fins deste trabalho, realizou-se uma pesquisa de campo, conforme o debate na Antropologia sobre etnografia. A pesquisa de campo foi realizada em Nazaré da Mata nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2015 e abrangeu observação participante e realização de entrevistas antes, durante e após o período carnavalesco.

A observação participante ocorreu durante as sambadas, nas reuniões, nos ensaios realizados nas sedes do grupo e nas apresentações públicas durante o carnaval. Fiz registros fotográficos, bem como também registrei em diário de campo algumas conversas informais entre os integrantes do brinquedo, além de um conjunto de entrevistas semi-estruturadas.

A revisão de literatura foi baseada na leitura de teses, dissertações, livros e artigos científicos acerca de gênero, cultura popular e trabalhos relativos ao maracatu rural e obras de folcloristas, além das entrevistas e depoimentos dos folgazões do grupo. Também utilizei outras fontes como dados documentais: jornais, revistas, e documentos do grupo.

MARACATU RURAL DE BAQUE SOLTO CAMBINDA BRASILEIRA

Um breve relato sobre o folguedo

O Maracatu de Baque Solto Cambinda Brasileira foi fundado no dia 05 de janeiro de 1918. Na literatura, os estudos realizados por Sumaia Vieira (1999) e José Leão (2011) destacam que o brinquedo surgiu em uma época de grande dificuldade na região e o peixe cambinda era um alimento bastante comum e consumido entre aquela população. Um dos brincantes do maracatu, José Manoel da Silva (62 anos) conhecido como Zé do Carro, atual presidente do grupo e caboclo de lança há mais de 40 anos e os demais entrevistados também compartilharam da informação exposta pelos autores.

Como um maracatu de origens tradicionais, o Cambinda também realiza seus rituais de proteção que servem para resguardar os brincantes das forças negativas durante o carnaval, nas sambadas ou em outros eventos. E constituem-se em banhos de descarrego com sal grosso, banho de ervas, defumação, abstinência sexual, utilização de

galhos de arruda , cravo protegido e outros objetos resguardados sob a força da jurema, o “calço”¹.

Em relação à abstinência sexual, Zé do Carro relata que no período carnavalesco, a prática sexual no folguedo é proibida entre os brincantes , que são orientados a não manterem contatos sexuais com seus parceiros (as) nos sete dias antecedentes ao carnaval , na semana pré e durante os três dias de festejo de momo para não “quebrarem” a tradição do brinquedo, não se impurificarem e não serem penalizados posteriormente.

Outro ritual é feito a base do azougue, uma bebida que no passado era feita com óleo de dendê. Atualmente muitos folgazões como os caboclos de lança tomam a cachaça com pólvora, momento em que segundo, Zé do Carro ficam anestesiados, energizados, fortalecidos e possessos quando saem para a brincadeira. Alguns desses rituais mencionados são o segredo do maracatu e dificilmente os integrantes do brinquedo relatam algo mais concreto sobre eles. Esses segredos ficam sob a responsabilidade da mãe ou do pai de santo, que representam a madrinha ou padrinho do folguedo. Ambos também são responsáveis pela parte espiritual do brinquedo.

No Cambinda Brasileira, atualmente a responsável por essa parte espiritual do maracatu é Severina Maria da Silva, dona Biu (67 anos) rezadeira e mãe de santo. Faz parte do brinquedo há mais de 20 anos, tem uma posição muito importante no baque, e é quem aconselha os brincantes no período de carnaval, realiza os rituais de proteção individuais e coletivos, além de atuar também na parte da confecção das indumentárias da agremiação.

Em relatos, os brincantes pontuaram o respeito e a admiração que sentem pela madrinha, destacando a influência que ela exerce no contexto do maracatu.

Atualmente são 180 componentes que desfilam durante o período de carnaval, folgazões de várias cidades como: Nazaré da Mata, Recife, Aliança, Paudalho, Itaquitinga, Buenos Aires, Upatininga, Vicência, Goiana, Paraíba. Dentre estes 180 componentes, 50 são mulheres. É sobre a participação feminina no Cambinda que abordo adiante.

¹ Em se tratando do “calço” individual, isto é, o preparo espiritual do folgazão para as sambadas de maracatu, este se inicia com o resguardo sexual do mestre de maracatu. Prática que representa o sentido a limpeza do corpo, estende-se aos folgazões da brincadeira de ambos os sexos, mas hoje em dia, poucos são aqueles que a praticam. Além da abstinência sexual, antes de saírem para os ensaios, alguns caboclos de lança e algumas baianas tomam banhos com ervas aromáticas (VIEIRA, p. 548).

MARACATU CAMBINDA BRASILEIRA: ONDE A MULHER ENTRA NESSA HISTÓRIA?

A desigualdade da participação das mulheres nos espaços das culturas populares não é algo recente remonta de longos anos. O patriarcado, o machismo, as relações de gênero e outros fatores perpetuados ao longo dos séculos no contexto histórico social possibilitaram com que a presença feminina no campo das artes fosse permeada pela invisibilidade e exclusão nos espaços culturais e conseqüentemente na existência de poucos estudos que abordem a presença das mulheres na cultura.

Um dos pesquisadores que atenta para esta questão em seu estudo sobre A cultura popular na idade moderna é Peter Burke (2010). O autor faz uma observação sobre a falta de informações que sinalizem a participação das mulheres neste campo, o que resulta em uma tarefa de difícil interpretação também para os antropólogos sociais e historiadores.

Há muito pouco a se dizer sobre as mulheres, por falta de provas. Tanto para os antropólogos sociais como para os historiadores da cultura popular, existe um "problema das mulheres". A dificuldade de reconstruir e interpretar a cultura dos assim chamados inarticulados é aqui mais aguda; a cultura das mulheres está para a cultura popular assim como a cultura popular está para o conjunto da cultura, de modo que é mais fácil dizer o que ela não é do que o que ela é. A cultura das mulheres não era a mesma que a dos seus maridos, pais, filhos ou irmãos, pois, ainda que muitas coisas fossem partilhadas, também existiam muitas das quais as mulheres estavam excluídas. Elas estavam excluídas das guildas e, frequentemente, também das irmandades (Peter Burke, 2010, p. 61).

Em seu estudo sobre gênero, a autora Joan Scott (1990) também atenta para a inexistência de ferramenta teórica que analise como as mulheres estão posicionadas na história.

Partindo da abordagem do foco da pesquisa, é possível perceber que também existe uma grande dificuldade em relação ao levantamento de informações que revele o início da participação das mulheres atuando como brincantes no maracatu rural da Zona da Mata Norte Pernambucana, uma vez que a escassa literatura existente sobre o assunto

“Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

não esclarece concretamente esta participação. Essas informações são narradas na maioria das vezes pelas histórias orais dos folgazões mais antigos do brinquedo.

De acordo com relatos dos brincantes do Cambinda Brasileira, a não inserção das mulheres no baque solto estava relacionada a alguns fatores como a grande violência que antigamente imperava no maracatu, ao fato de as mulheres menstruarem e ao enguiço².

Sobre as batalhas que eram travadas pelos caboclos de lança na época, Zé do Carro menciona o seguinte; “Veja só! Naquela época, o maracatu era uma brincadeira de muita violência. Os caboclos saiam de casa com atitude assim só de briga, só de violência, né. Mulher não era pessoa de briga”(Zé do Carro em entrevista concedida à autora no dia 02/03/2015).

A menstruação também foi apontada pelos entrevistados como algo que impossibilitava a mulher de participar da brincadeira. Segundo eles o fato de a mulher menstruar e estar menstruada no dia do desfile da agremiação ocasionaria o enfraquecimento e “atraso do grupo”³, pois estava “suja” e com o “corpo aberto”⁴ podendo atrair e receber todas as forças e energias negativas que fossem lançadas contra o maracatu. Até hoje as mulheres são impedidas de participar da brincadeira quando estão no período menstrual.

O presidente do grupo não sabe datar ao certo quando foi que as mulheres começaram a fazer parte do maracatu, mas relata que quando brincou de caboclo de lança pela primeira vez aos 15 anos, o baque solto era composto apenas por homens. Essa imprecisão sobre a presença feminina no maracatu Cambinda também foi compartilhada pelos outros relatos dos entrevistados.

Em virtude das dificuldades encontradas acerca de dados que identificassem como ocorreu o processo de inserção das personagens femininas como brincantes no folguedo, recorri a um fator que considere pertinente inserir nesta pesquisa e que está relacionado categoricamente a inclusão dos grupos de maracatus rurais de baque solto

² Quebranto, fazer mal, exercer má influência sobre algo ou alguém.

³ Expressão utilizada pelos folgazões ao se referir aos problemas que podem ocorrer, se acaso os rituais de proteção não fossem seguidos rigorosamente pelos brincantes.

⁴ Estado em que a mulher no período menstrual encontra-se, segundo os brincantes suscetível a atrair energias do mal, forças de espíritos perversos. O que pode prejudicar o maracatu durante as apresentações.

da região a Federação Carnavalesca de Pernambuco sediada em Recife, criada em 1935 e responsável pela organização do carnaval no Estado .

De acordo com Medeiros (2003) os maracatus de Baque Solto da Mata Norte se filiaram a Federação nos anos de 1940 e 1950, porém foram muito discriminados pela instituição que não os considerava autênticos alegando que eram uma deturpação dos maracatus nação.

A partir dos anos de 1980 a Federação Carnavalesca exigiu que os maracatus rurais de baque solto incluíssem no folguedo a presença de personagens como o rei, a rainha e a corte originalmente figuras representativas do maracatu nação para que os rurais ficassem cada vez mais semelhantes ao brinquedo da região metropolitana do Recife e também proibiu as brigas que existiam entre os maracatus rurais.

As pontuações da autora podem ajudar a compreender como foi que algumas personagens de representação feminina começaram a compor o contexto do maracatu rural de baque solto, como a rainha e algumas figuras da corte. Tendo em vista que estas figuras não eram comuns no maracatu rural como as baianas por exemplo.

Em relação ao ingresso das mulheres atuando como personagens no maracatu Cambinda Brasileira os folgazões em seus discursos não associam essa inserção com a exigência da Federação do carnaval, dizem apenas que as mulheres começaram a se apresentar no folguedo, como menciona o caboclo de lança José Estevam da Silva (63 anos).

Quando eu brincava aos meus 15 anos não tinha mulher no maracatu. Eu conheci as baianas como homem. Naquela época era tudo homem brincando como baiana, de vestido , pintado de baiana. Aí o tempo foi se passando (...), Aí chegou uma época fizeram uma reunião aqui no Cambinda e disseram (...) vamos botar mulher para brincar de baiana. Começou brincando cinco mulher, hoje já tem vinte, trinta, quarenta, mas começou com cinco (José Estevam da Silva, em entrevista concedida à autora no dia 22/03/2015).

Aos poucos constata-se que as mulheres foram se firmando no maracatu, entretanto, ocupando posições de pouco destaque na manifestação ou atuando na maioria das vezes nos bastidores da brincadeira. Este fato também pode ser corroborado por números. Dos 180 brincantes que atualmente fazem parte do Cambinda e se apresentam no período carnavalesco e outros eventos, apenas 50 são mulheres, ou seja,

“Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

menos de 30% delas que estão inseridas no brinquedo. Essas mulheres desfilam no baianal e corte, representando personagens como: baianas, rainhas, dama do paço, índias, dama da corte, dama do buquê e dama da boneca.

Os homens desfilam como caboclos de lança, arreiamá ou caboclo de pena, valete, porta-bandeira, caçador e burrinha. Além do terno do folguedo composto por seis músicos, um mestre e um contra-mestre. O caboclo de lança é o protagonista principal da manifestação, símbolo de força, resistência e exuberância, restando novamente as mulheres a condição de coadjuvantes na brincadeira, apesar de serem essenciais na expressão popular.

No entanto, Zé do Carro e outros folgazões ressaltam que quando a mulher começou a fazer parte do maracatu, segundo relatos foi bem recebida, não por todos evidente, mas que no início recebeu apoio. O presidente atribui esta aceitação em razão de o brinquedo ser conduzido na época por uma mulher, dona Joaquina (falecida em 2010) que atuava como a madrinha do maracatu.

Quando a mulher começou a se aproximar do maracatu foi bem vinda, por que no Cambinda quando começou a participar mulher, quem tomava conta do grupo era uma mulher que se chamava dona Joaquina que morava na rua do Juá, ela morreu... Ela era a madrinha do maracatu, antes da minha irmã. Então ela era a madrinha do maracatu e quando começou a participar, a mulher foi bem vinda. O Cambinda na época era apenas composto por homens. Hoje a gente não tem diferença de um para o outro. (Zé do Carro, em entrevista concedida à autora no dia 02/03/2015).

No sub-item seguinte discurso sobre as posições conferidas aos homens e as mulheres no brinquedo e as relações de gênero no Cambinda.

GUIADAS E SURRÕES PARA ELES E O QUE PARA ELAS?

As relações de gênero no folguedo

Pelo exposto é evidente que as mulheres eram discriminadas no maracatu rural. Mas elas não eram conformadas, visto que ao longo do tempo foram surgindo na região da Zona da Mata algumas associações e organizações de movimentos em prol das causas das mulheres que tinham propósitos em comuns, dentre alguns, conquistar

“Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os 10 dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

direitos que ao longo dos séculos lhes foram negados. “Grupos de mulheres criaram uma nova forma de reflexão, de mobilização e de debate frente aos tradicionais parâmetros da cultura sindical. “Muitas se tornaram líderes em sindicatos, comitês, associações; ocupando funções antes masculinas” (VASCONCELOS, 2012). Momento revolucionário na história de vida destas mulheres, reflexo de luta e coragem por uma condição de igualdade. Entretanto, a mesma autora ressalta que nem todas as mulheres que residem no campo se reúnem em movimentos sociais e nem possuem um conhecimento político-ideológico sobre a sociedade e os problemas do mundo; sua luta encontra-se no dia a dia (VASCONCELOS, 2012, p. 60). Assuntos como desigualdades, igualdade de direitos e relações de gênero para estas mulheres são desconhecidos.

Segundo as pesquisadoras Lady Selma Albernaz e Márcia Longhi (2009) a categoria gênero foi elaborada por teóricas feministas em meados da década de 1970, a partir da discussão sobre direitos equivalentes entre homens e mulheres.

Joan Scott (1990) define gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo uma forma primeira de significar as relações de poder”. Para ela, as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único.

Gênero refere-se a uma categoria que diz respeito às diferenças de ordem sócio-cultural que se observam nas relações entre homens e mulheres, produzidas no âmbito das instituições e das práticas cotidianas dos indivíduos, sendo, portanto, social e culturalmente produzido (SCOTT, 1990).

O pensamento descrito pela autora em relação a essas concepções sobre gênero interligam-se com as construções sociais e imposições culturalmente reproduzidas que pude perceber no contexto do maracatu Cambinda Brasileira. Essas constatações evidenciaram-se sob vários aspectos como, por exemplo, o que pode ser ou não comum para homens e mulheres no folguedo, bem como, que práticas sociais e que posições devem ser direcionadas para eles e elas na brincadeira.

Em relação aos personagens do baque solto, o caboclo de lança é a expressão maior do maracatu. Essa representação de poder do símbolo do caboclo e as relações de gênero também puderam ser observadas na primeira visita de campo que fiz a uma das sedes do Cambinda. Na entrada da sede é possível observar a pintura do “bravo guerreiro” como mencionam os folgazões exposta como referência principal do “Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os 11 dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

brinquedo. Em seguida no interior da sede existe também a exposição de mini-caboclos de lança sobre alguns móveis, além de acessórios como chapéus⁵, surrões⁶ e golas⁷ pendurados nas paredes e no teto e que fazem parte da indumentária utilizada apenas pelos homens que brincam de caboclos no maracatu. Não sendo possível identificar elementos que simbolizem a participação feminina no brinquedo.

Outras classificações de gênero também puderam ser observadas no contexto deste baque, nos espaços de decisão, discussão, interação e convivência do grupo. Em uma das apresentações que observei é comum entre eles e visto como natural, mulheres e homens viajam em ônibus separados em decorrência do calço. Fato que de acordo com os entrevistados, ocorre na maioria das apresentações.

Outro exemplo está relacionado à diretoria do folguedo. Dos 12 integrantes que a compõe, apenas quatro são mulheres. (Dona Biu, Sebastiana, Maria de Lourdes e dona Deda). Em uma das reuniões que presenciei com vinte e duas pessoas do maracatu, dentre diretores e alguns convidados para abordar assuntos referentes ao carnaval e a realização da Festa da Páscoa, quatro eram mulheres. Segundo Zé do Carro, a categoria composta por: presidente, vice-presidente, secretários, tesoureiro, orador e outros é eleita democraticamente. Porém, a participação da mulher nesse setor da diretoria também se limita a aspectos do cuidado do maracatu e a confecção das indumentárias, tendo pouco ou nenhum poder de decisão no grupo.

As mulheres fazem a função na diretoria de confeccionar as coisas, né. Fazer golas, costurar, o que ela quiser aprender. Aquele que sabe passa para elas, porque é um dever de cada um. Se uma desejar brincar caboclo, brinca. Se quiser brincar de arriamá brinca. Aí a gente sempre divide as coisas, e se elas quiserem aprender a fazer as cabeças, fazer golas, pode fazer, está liberado (Zé do Carro, em entrevista concedida à autora no dia 02/03/2015).

As remunerações também são baseadas de acordo com o gênero. Homens da caboclaria e outros personagens masculinos recebem mais que as mulheres, uma vez

⁵ Antigamente feito de papelão, atualmente usam um chapéu, ornado com fitas multicoloridas, com a predominância da cor representativa de seu guia espiritual (oxum).

⁶ Amarração de chocalhos, às costas, com um número variável deles à altura das nádegas

⁷ Coberta de lantejoulas cobre os ombros, o peito e as costas. Juntamente com o chapéu, é quem dá destaque à fantasia.

que para os brincantes, o personagem do caboclo de lança, por exemplo, tem um desgaste maior durante as apresentações quando comparado a algumas personagens femininas como uma dama do paço, uma rainha ou uma baiana.

A menstruação sempre foi um mito presente no contexto social. Segundo as mulheres brincantes, o período menstrual também é uma das dificuldades que enfrentam no maracatu, uma vez que de acordo com elas, os tabus e os mitos que imperam durante décadas no brinqueado e nas relações sócio culturais de gênero em relação a fisiologia feminina sobre a menstruação, contribui para que as mulheres sejam estigmatizadas e rotuladas pela “natureza de seus corpos”, resultando em uma aversão dos homens ao fluxo menstrual, visto como impuro e repugnante, como destacou e problematizou Mary Del Priory (1999) em Viagem Pelo Interior do Imaginário Feminino.

“ Incorporada à mentalidade popular que lhe tinha o maior temor, a crença no poder do sangue catamenial como instrumento de dominação sexual e morte, revelava o mal-estar de uma sociedade paternalista frente àquela que se tornava uma feiticeira com capacidade para adocer os homens usando seu próprio corpo. A natureza feminina bastava para explicar tantos desacertos: tanto o apetite sexual quanto a imperfeição das substâncias de seu corpo eram consideradas degenerativas. A mesma fisiologia moral via com temor o papel do sangue secreto, o sangue catamenial. Dos excretos femininos era esse, certamente, o mais temido. Tidos por essencialmente uterinos, os males femininos exudavam da zona genital (DEL PRIORY, 1999).

A autora ainda destaca que no imaginário social, o corpo da mulher era também capaz de gerar coisas monstruosas, sublinhando na mentalidade do período uma imagem deformada da mulher ora como feiticeira, ora possuidora de um útero mágico. Os mistérios da fisiologia feminina, ligados aos ciclos da lua, ao mesmo tempo que seduzia os homens, repugnava-os. O corpo feminino era considerado como fundamentalmente impuro. Desta forma, o tempo de sangue secreto era, pois, um tempo perigoso, um tempo de morte simbólica no qual a mulher deveria afastar-se de tudo que era produzido ou do que se reproduzia. “Seus cheiros e secreções rubras funcionavam como uma espécie de cortina invisível entre ela e a vida cotidiana, impedindo-a de estragar o leite, o vinho, a colheita ou os metais” (DEL PRIORY, 1999).

A exposição abordada por Del Priory se compara aos relatos dos entrevistados sobre o medo e a repulsa que eles têm dos corpos das mulheres quando estão no período menstrual, principalmente nos dias de carnaval. Para estes folgazões a mulher

“Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os 13 dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

menstruada nas datas dos desfiles da agremiação fica totalmente “impura e suja” devendo ser impedida de brincar, pois de acordo com o seu imaginário e mitos está com o corpo aberto e susceptível a receber todo tipo de “macumba / bruxaria que possam ser lançadas contra o maracatu, prejudicando desta forma todo o grupo que se protegeu através dos rituais/ calços.

No Cambinda Brasileira, o presidente atribui esta proibição às crenças e aos rituais que envolvem e permeiam o maracatu.

A história do maracatu não existia mulher, só homens por conta de muitas coisas. Por que o pessoal dizia que às vezes chegava a oportunidade da mulher ficar “nos dias dela” durante os três dias de carnaval e aquela pessoa é afastada do grupo. Hoje em dia, quer dizer, eu como presidente eu não vou ter o direito de perguntar a uma mulher que ela está disso. Quer dizer tem pessoa no maracatu, como a minha irmã que é a chefe das baiana , ai eu passo para ela o seguinte: Olhe quando se tiver uma pessoa “neste ponto” não é discriminando é a história, e a gente tem o privilégio de deixar a pessoa na sede, dando todo tratamento. Por que se ela está com “aquele problema” então a gente afasta do grupo e deixa ela aqui na sede, então ela não desfila porque não tem permissão para desfilar e a história não permite. E se for o caso que se alguém tiver nesse nível brincando pode dar até um contrapasso no maracatu, porque a pessoa está de corpo aberto e qualquer coisa pode acontecer, entendeu? (Zé do Carro em entrevista concedida à autora no dia 02/03/2015).

O gênero é considerado uma das principais e primeiras formas de ordenar o pensamento humano. Classificamos natureza e as dimensões da vida social e cultural por gênero. Ao mesmo tempo estas classificações reforçam os conteúdos simbólicos de feminilidades e masculinidades, que servem para as pessoas se identificarem como homens e mulheres na vida social. Dessa forma as posições de homens e mulheres são legitimadas, ainda que sejam desiguais em termos dos recursos que eles e elas têm direito (ALBERNAZ e LONGHI, 2009, p.84).

Os homens batem surrão, enfeitam e impunham a sua lança, fazem os seus chapéus, suas golas, tomam as decisões mais importantes, são bem melhores remunerados nas apresentações. Enquanto que as mulheres são encarregadas de preparar a alimentação para os brincantes durante o período carnavalesco e em outros eventos, servir as crianças e em alguns momentos aos adultos, costurar e lavar as roupas e “Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os 14 dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

acessórios utilizados nas apresentações, bordar golas e restaurar peças quando estiverem desgastadas, entre outras. Segundo os integrantes, as atividades “menos puxadas” no maracatu.

Os homens ele trabalham assim , com a parte de fazer gola, fazer um chapéu pro arreamá, fazer um chapéu de caboclo, enfeitar uma guiada, os surrões, são os homens que participam desse trabalho. E as mulher participam na costura. Eu não sei costurar, mais eu venho para casa de dona Bui, alinhavo, ajudo. Quando o povo termina de brincar eu lavo as roupas, saia, eu e mais outra. Esse negócio de lavar, costurar, retocar é o trabalho que as mulheres fazem (Maria de Lourdes de Oliveira em entrevista concedida à autora no dia 22/03/2015).

Desta forma, costurar, bordar, cozinhar e cuidar, sob o ponto de vista da maioria dos folgazões podem ser descritas como expressões comuns e corriqueiras no dia a dia das mulheres, entretanto, para muitas delas que lutam por direitos de igualdade são caracterizadas como resultado de um processo de imposições culturais associado à reprodução das relações de gênero que também se comprovam existir no contexto do maracatu. Conclui-se então que a mesma condição vivida pela mulher brincante do Cambinda Brasileira no seu espaço privado (casa) é disseminada e reproduzida no âmbito do folguedo.

A figura feminina para os brincantes do Cambinda Brasileira está sempre associada ao cuidado, a proteção, ao privado e a fragilidade. “O mito da fragilidade da mulher faz parte de uma concepção moderna e de controle social, afastando-as dos desejos externos e de suas influências, pois eram consideradas incapazes de tomar decisões sérias” (VASCONCELOS, 2012, p.48).

Essas classificações de gênero que caracterizam a fragilidade como qualidade feminina e a força ao masculino, também foram destacadas pelas autoras Albernaz e Longhi.

“Gênero é uma operação de classificação cultural. Por meio da cultura usamos o gênero para ordenar nosso pensamento para pensar o que é ser homem e o que é ser mulher, mas não apenas isso. Por meio do gênero classificamos muitas dimensões da vida em sociedade e da natureza. Classificamos a terra como feminino e o mar como masculino. Tende-se a considerar superior, mais forte e mais poderoso o que é classificado culturalmente como masculino. O que é classificado culturalmente como feminino é significado como menor,

“Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os 15 dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

mais fraco e com menos poder, devendo ficar na esfera da proteção e da submissão ao masculino(ALBERNAZ e LONGHI, 2009, p.85).

Apesar das desigualdades que ainda imperam no Cambinda brasileira sobre as posições que homens e mulheres ocupam no baque solto, remuneração diferenciada entre um e outro, o poder de liderança que está sempre concentrado nas mãos dos homens que atuam no brinquedo e a existência de tabus, os folgazões afirmam perceber a presença das mulheres de forma positiva para o grupo e garantem não existir diferenças de convivência entre eles, caracterizando-a como bastante harmoniosa. “A presença das mulheres melhorou muito o maracatu. Eu mesmo vejo hoje o maracatu com outro brilho” (Zé do Carro, em entrevista concedida à autora no dia 02/03/2015).

Os brincantes ressaltam que a inserção das mulheres no baque solto melhorou a relação do grupo e esta melhora segundo eles se refere ao fato de as mulheres serem mais organizadas, cuidadosas, delicadas e responsáveis na maioria das vezes por apaziguarem algum desentendimento que possa ocorrer no brinquedo.

Em relação à percepção delas no contexto do folguedo, elas afirmam ser bastante colaboradoras e como se expressam dão o “sangue pelo maracatu” , aconselhando , ajudando e organizando no que for preciso para que o brinquedo desfile majestosamente em todas as apresentações e galgue estar entre os mais destacados dos folguedos da região.

As mulheres brincantes têm o objetivo de elevar sempre o maracatu, se sentem importantes e muito felizes no espaço da cultura popular, porém admitem que muita coisa ainda tem de ser mudada para que a mulher ocupe posições de maior destaque no brinquedo, mesmo sem a maioria delas se contrapor a dominação masculina que se mantém presente até os dias de hoje no maracatu rural.

CONCLUSÃO

O cotidiano vivenciado pela população rural da região da zona da Mata Norte Pernambucana nunca foi fácil. A trajetória de suas vidas está retratada pelas marcas existentes em seus corpos, resultantes na maioria dos casos pelo esforço contínuo na lida do corte da cana e das temperaturas escaldantes dos canaviais da região. As formas escravistas de trabalho, baixas remunerações, falta de expectativas, desvalorização e

“Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os 16 dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

condições precárias de sobrevivência expressam a condição de subalternidade que viveram durante anos nas pequenas comunidades dos engenhos.

O maracatu Cambinda Brasileira foi criado com o objetivo de divertimento para os trabalhadores da zona rural do Engenho Cumbe, mas também como expressão de suas revoltas, suas inconformações. No passado era caracterizado como um brinquedo perigoso devido a grande violência que imperava entre os caboclos de lanças que travavam disputas e combates com folgazões rivais de outros maracatus. Suas armas eram suas lanças, seu escudo de proteção eram as golas e assim os bravos guerreiros, saiam para o carnaval sem a certeza de brincar o festejo do ano seguinte, como relataram os brincantes do Cambinda.

As relações de gênero e as desigualdades que imperam entre homens e mulheres também caracterizam este folguedo. Durante décadas a presença das mulheres foi proibida de estar no contexto desta brincadeira. Motivos segundo os folgazões não faltavam, como o fator simbólico atribuído ao corpo da mulher por causa da menstruação, os ritos de proteção, as construções sociais decorrentes de uma cultura patriarcal e machista que ditavam e regravam o que era permitido e comum ao masculino e feminino no folguedo. Maracatu rural não era brincadeira para mulher, sua atuação estava destinada ao espaço da cozinha.

Porém, com o passar dos anos, o cenário desta prática cultural foi sendo modificado e as mulheres começaram a fazer parte da brincadeira e a representar alguns personagens que antes eram figurados pelos homens. No entanto, a sua inserção no contexto ainda não possibilitou completamente a desconstrução de alguns mitos, preconceitos, regras e os valores de gênero que norteiam as relações entre homens e mulheres na sociedade e que perduraram no espaço do Cambinda Brasileira.

Desta forma, conclui-se, portanto, que esse estudo foi importante para demonstrar como homens e mulheres estão posicionados no contexto desse baque solto, as construções histórico-sociais que permeiam no maracatu rural, os desafios enfrentados e as conquistas obtidas pelas mulheres no brinquedo.

Em relação à percepção delas no contexto do folguedo, elas afirmam ser bastante colaboradoras e como se expressam dão o “sangue pelo maracatu”, aconselhando, ajudando e organizando no que for preciso para que o brinquedo desfile majestosamente em todas as apresentações e galgue estar entre os mais destacados dos folguedos da região. As mulheres brincantes têm o objetivo de elevar sempre o maracatu, se sentem importantes e muito felizes no espaço da cultura popular, porém admitem que muita “Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os 17 dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

coisa ainda tem de ser mudada para que a mulher ocupe posições de maior destaque no brinquedo.

Observa-se também que a mulher brincante do Cambinda Brasileira, vem se firmando como elemento imprescindível dentro da manifestação, ganhando visibilidade, legitimidade, rompendo paradigmas e contribuindo para o fortalecimento da cultura popular na região da Zona da Mata Pernambucana.

Elas reconhecem as conquistas que foram obtidas, todavia, acreditam que muito ainda tem-se a ser alcançado e que um cenário mais favorável as mulheres se tornará realidade ao decorrer dos anos, permitindo as folgazãs conquistarem mais autonomia, liderança e igualdade nas relações de gênero também em outros campos das manifestações culturais.

BIBLIOGRAFIA

ALBERNAZ, lady Selma. **Mulheres e cultura popular: gênero, raça, classe e geração no bumba-meu-boi do Maranhão**. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, GT32- Articulações entre gênero, sexualidade, raça e classe na antropologia. Porto Seguro, Bahia, 2008.

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira; LONGHI, Márcia. Para compreender gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres. **Gênero, diversidade e desigualdade na educação: interpretações e reflexões para formação docente**. 1ª ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.p. 75 -96.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800-** Tradução Denise Bottmann- São Paulo: Cia das Letras, 2010.

COSTA, Ana Alice. Gênero poder e empoderamento das mulheres. Texto Inédito, **Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBA**. Coordenadora executiva da REDOR, sem data.

“Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os 18 dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

DEL PRIORE, Mary. Viagem pelo imaginário do interior feminino **Revista Brasileira de História**, Vol.19 n.37, São Paulo Sept. 1999, Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26303709>>.

LEÃO, José Antônio C. **Saber Brincante: Cosmovisão e Ancestralidade como Processo Educativo**- 2011.Tese apresentada ao Programa de Pós – graduação em Educação , Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia

MEDEIROS, R. B. Maracatu **Rural: luta de classes ou espetáculo?.Um estudo das expressões de resistência, luta e passivização das classes subalternas**. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Serviço Social da UFPE. 2003.

REAL, K. **O folclore no carnaval do Recife** .2.ed.Recife: FUNDAJ/ Massangana, 1990.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. **SOS Corpo**. Recife, SOS Corpo, 1989. (PDF) Original: Joan Scott, Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history . New York, Columbia University Press.1989.

VASCONCELOS, Tamar Alessandra Thalez. **A mulher no Maracatu Rural** . Coleção Maracatus e Maracatuzeiros, v.4 Ed. Reviva. Recife, 2012.

VIEIRA, Sévia Sumaia. **Dinâmica de Transmissão e Reprodução em um folguedo Popular: o caso do Maracatu Rural Cambinda Brasileira**. Recife: UFPE, 1999. (Monografia)

VIEIRA, Sévia Sumaia . **Dos Canaviais à Capital: “cabocaria de flecha”, maracatus de orquestra, baque solto, rural**. Recife: UFPE, 2003. (Dissertação de Mestrado).

“Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os 19 dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”